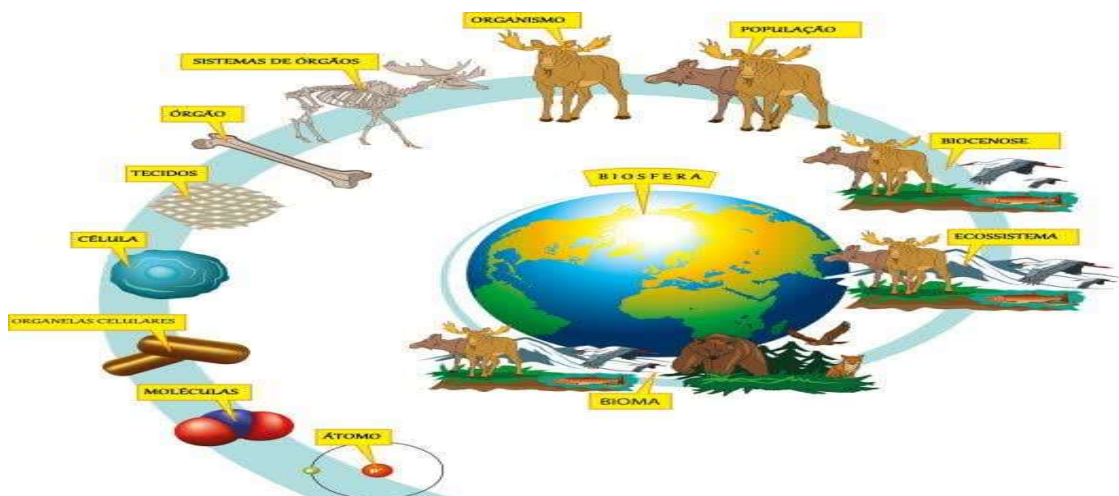


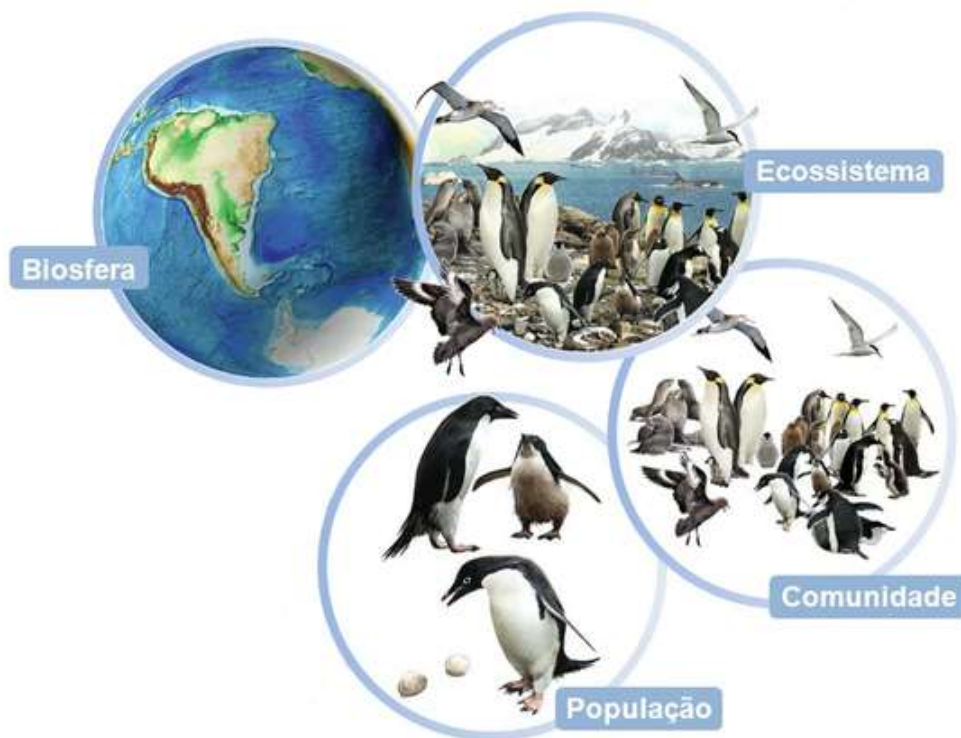
Desafios da «Laudato Si».

26 de Janeiro 2019



«Laudato Si» e seus desafios. (publicada a 15/V/ 2015)

A «Carta da Terra» afirma logo no preâmbulo que «estamos diante dum momento crítico da história da terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro». A nossa Casa Comum corre graves ameaças, porque os padrões dominantes de produção e consumo estão a provocar devastação ambiental, esgotamento de recursos e massiva extinção das espécies. (Carta da Terra). O Papa Francisco deu à Igreja e ao mundo a «Laudato Si», que Gael Giroud considera o «texto mais importante que o Magistério da Igreja publicou depois do Vaticano II». Com estilo acessível e rigor científico, o Papa enfrenta a generalidade dos problemas ecológicos do mundo, já tratados, em parte, em muitas instâncias nacionais e internacionais. Em 2013, na recepção ao Presidente do Equador, o Papa Francisco deixou a frase, que correu mundo: **«Deus perdoa sempre; homem, algumas vezes; a Natureza, NUNCA»**. Com esta ideia de que com a «Natureza» não se brinca, a encíclica exorta crentes e não crentes a parar rapidamente alguns comportamentos, que podem levar à destruição do nosso planeta. Em dezembro passado, durante a Cimeira do Clima em Katowice (Polónia), António Guterres, Secretário Geral da ONU, lembrava aos participantes que «não chegar a um acordo global das nações, não seria apenas imoral, seria um suicídio». Também o Papa Francisco, logo a abrir a Encíclica, escreveu que a **«nossa irmã Terra clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável dos bens que Deus nela colocou» (LS.2)**. E acrescenta que se torna urgente salvar nossa «terra oprimida e devastada, que «geme e sofre as dores do parto» (Rm 8,22. Idem. 2)). Está em causa a sobrevivência da pessoa humana. Perante situações como a dos resíduos não reciclados, (22), do aquecimento global, da subida de nível dos mares e da fusão dos gelos polares, da deflorestação (24) e alterações climáticas, que provocam as migrações (25), da escassez de água potável (28,30), e eliminação da biodiversidade (33,34), ninguém pode ficar de braços cruzados. Merecem palavra de elogio os responsáveis da Pastoral da Família, que dedicaram esta jornada a um tema tão candente como este: «A Família cuida da casa comum». Por minha parte, procurarei elencar, entre outros, cinco desafios que a «Laudato Si» nos coloca. Outros muitos poderéis encontrar.



1. O desafio da corresponsabilidade de todos pela salvação do planeta.

Trata-se de uma ideia transversal a toda a Encíclica «Laudato Si». Apesar de tantos alertas, falta ainda uma consciência claramente assumida, por parte dos indivíduos, das coletividades e das nações, quanto à gravidade dos problemas, que afetam a Criação. Já «Carta da Terra» de 2.000 avisava que «cada um de nós compartilha a responsabilidade pelo presente e pelo futuro bem-estar da família humana e de todos os seres vivos». A nossa sociedade, seduzida por consumismo voraz, na ânsia de possuir, tudo parece sacrificar ao mito do progresso. Edward Wilson classifica, por isso, o homem moderno como «assassino planetário», que dá cabo da biodiversidade e transforma o Éden num «paraíso perdido». Já Paulo VI avisava a sociedade do perigo de uma «catástrofe ecológica como resultado da civilização industrial» (LS.4). Nossas grandes cidades, envoltas num manto negro de poluição, estão a tornar-se irrespiráveis. Já se tornou normal em muitas o uso de máscaras. A sociedade, numa inconsciência dramática, continua a apostar no luxo, esquecendo que isso conduz ao lixo (Roma 13.1.2019). Na «Laudato Si», o Papa lembra que o mundo está a «transformar-se cada vez mais num imenso depósito de lixo». Todo o capítulo I da «Laudato Si» apresenta, com grande realismo, a situação deplorável em que se encontra nossa Casa Comum, que exige que pessoas, países, multinacionais, coletividades, associações, famílias, mudem de atitude. Importa reagir. O «Jornal de Notícias», de 24 de dezembro, informava que milhão e meio de franceses subscreveram um documento para levar o Estado Francês a tribunal, por inação climática, porque nada faz para impedir o aquecimento global. Faz falta que muitos outros de todos os países comecem a reagir. Hoje faz falta juntar-nos ao «movimento dos indignados», que já se decidiram lutar para salvar o planeta. O Papa Francisco lança, por isso, «convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do Planeta» (LS.14)

2. Desafio da conversão ecológica.

Perante a gravidade dos problemas ecológicos descritos no capítulo I da «Laudato Si» - O que está a acontecer na nossa Casa» - um desafio bem difícil nos é colocado. Como inverter tal situação? A encíclica é clara: impõe-se uma conversão ecológica, ou seja, decisão, pessoal e comunitária em assumir um projeto de mudança.



Isso implica por um lado, mudança de atitude comportamentais e, ao mesmo tempo, «mudança do paradigma tecnocrático dominante, pelo lugar que ele ocupa no ser humano e sua ação no mundo» (LS.101). «Ou nos decidimos todos a tomar a sério a defesa da Casa Comum, ou seremos as próximas vítimas duma Natureza revoltada. Afirma o Papa Francisco que «se a atual tendência se mantiver, este século poderá ser testemunha de mudanças climáticas inauditas e de uma destruição sem precedentes dos ecossistemas com graves consequências para todos nós» (LS 24). S. João Paulo II, já há 20 anos, exortava os cristãos e a humanidade a uma «conversão ecológica global». Muitas destas situações radicam no «consumismo desenfreado, nascido da mera lógica do ter», pelo se torna necessário: **criar um «mecanismo de mudança e de conversão comunitária»** (LS 219). Como nunca antes na história, o destino comum pede um começar de novo (CT). Nosso **ecossistema encontra-se doente, com febre e precisa de cura**. Uma Declaração Budista afirma que **«quando a Terra adocece, também nós adoecemos, porque fazemos parte dela»** ((EF.Martin Nuñez. p.241). «Isto requer uma mudança de mente e de coração. (CT) A encíclica vai mais longe, afirmando a necessidade «duma nova relação com a natureza, que só é possível, se houver «um novo ser humano» (118), que, por sua vez, implica purificar o **«próprio coração e seu relacionamento com a Criação»** (LS.216). Não se pode «pretender sanar nossa relação com a Natureza e com o ambiente sem sanar todas as relações básicas do ser humano» (LS.119), incluída a relação com Deus. Há necessidade duma **educação para a sobriedade**. (LS.332), que implica mudanças profundas «nos estilos de vida, nos modelos de produção e consumo, nas estruturas consolidadas do poder que hoje regem as sociedades». A crise ambiental não resulta apenas de causas físicas, mas de condenáveis com portamentos humanos» (EF. MN.48)



3.Desafio do Bem Comum.

Um terceiro desafio da «Laudato Si» é um convite vigoroso à urgência de colocar o bem comum acima dos interesses individuais ou mesmo nacionais, se queremos mesmo salvar a Natureza. A Casa Comum, pertence a todos, não pode ser posse de alguns. Cidadãos, coletividades e estados, têm o dever de lutar por um planeta mais saudável, porque assim o exige o bem comum (157), porque é essa a finalidade da sociedade e do estado (LS 157). A interdependência entre a pessoa humana e a natureza é tal que qualquer agressão a algum elemento dum ecossistema prejudicaria o resto da criação e o bem da própria sociedade. O direito de possuir, administrar e usar os recursos naturais implica também o «dever de prevenir os danos do meio ambiente e de proteger os direitos das pessoas». (Carta da Terra). A «Laudato Si» cita os bispos portugueses, segundo os quais o bem comum «é um empréstimo que cada geração recebe e deve transmitir à geração seguinte» (CEP 15/9/2003 (LS.15). Lipovetsky (Era do Vazio), atribui o vazio do bem comum à sociedade, que promove o individualismo como ideal de felicidade e que se limita à defender interesses particulares e o lucro duns poucos em prejuízo do bem de todos. «As corporações multinacionais e organizações financeiras internacionais devem atuar com transparência em benefício do bem comum e ser responsabilizadas pelas consequências das suas atividades» (CT). Mais, a defesa da Casa Comum é importante não só para a sociedade atual, mas também para as gerações futuras. É dever de todos deixar um planeta habitável para a humanidade, que virá depois de nós» (LS.160). Felizmente, percorreu-se já um longo caminho na consciência de que o Bem Comum exige que defendamos a saúde do «Planeta, casa comum da sociedade» (164). São já muitas as organizações internacionais, que se batem pelo bem comum dum planeta mais digno para o homem. Evoquemos as diversas Cimeiras internacionais, como a Conferência de Estocolmo (1972), de Joanesburgo (2002), o Cume da Terra (Rio 2002) e mais recentemente, a Conferência sobre as mudanças climáticas (Paris, 2015). a publicação da Carta da Terra (Haia. 2.000). A nível das religiões evoquemos a Assembleia Ecuménica de Seul (1990), que pede aos cristãos para trabalhar por uma nova ordem, a partir do seu pacto com o Criador, base de toda a criação»!



4. Desafio da Ecologia integral.

A «Laudato Si» apresenta-nos um quarto desafio: a necessidade de promover uma ecologia integral. Na defesa da casa comum não podemos limitar nossa preocupação a um ou outro elemento do cada ecossistema. Temos de fomentar uma ecologia integral, que respeite todas as suas dimensões: ambiental, cultural, social, económico, político, antropológico, espirituais (LS.137). Creio que o casal Virgínia e Pedro terá desenvolvido exaustivamente este tema. Na ecologia integral todos os elementos da natureza, químicos, físicos, biológicos, humanos, estão de tal forma interrelacionados entre si e com as espécies, que a agressão a algum deles prejudica a todos. Precisa-se, então, duma visão abrangente, que valorize a interdependência orgânica de tudo o que existe (EF. MN. 242), porque até a «lesão de solidariedade e da amizade cívica provocam danos ambientais.» (142). Um exemplo: a 23 de dezembro (2018) a TSF informava que em Andaluzia, com a introdução de máquinas na apanha da azeitona, se estava a verificar verdadeira mortandade das aves: dois milhões de aves mortas. Para uma ecologia integral devem valorizar-se gestos e atitudes simples e ao alcance de cada um, como promover a limpeza das ruas. Aqui é de todo importante realçar a tarefa da Família para sensibilizar as gerações mais novas na necessidade de proteger os bairros periféricos, os parques, os rios e os mares. Precisa-se mais do que uma «cidadania ecológica», que se limita a informar, sem formar. (LS.211) Mais do que nunca importa sensibilizar as gerações novas para a necessidade de limitar do uso do carro particular, de limitar o recurso aos plásticos, a tudo que possa poluir a atmosfera, os solos, os rios e os oceanos. A Família tem hoje papel importante na luta por cidades mais limpas e acolhedoras, fomentando uma verdadeira «ecologia do homem». (Anedota. Num serviço público de Espanha, puseram junto da escova da sanita este aviso. «Lembre-se que esta escova não é para limpar os dentes. Use-a!»).

5. Quinto Desafio. Uma espiritualidade ecológica.



. O Papa lança aos cristãos, com esta Encíclica ainda um «grande desafio cultural, espiritual e educativo, que implicará longos processos de regeneração», que é uma ecologia de dimensão espiritual. «A espiritualidade cristã propõe uma forma alternativa de entender a qualidade de vida, encorajando um estilo de vida profético e contemplativo, capaz de gerar profunda alegria, sem estar obcecado pelo consumo» (LS.222). Como exemplo real desta

espiritualidade ecológica aponta S. Francisco, quando comparava a Terra, «ora a uma irmã, com quem se partilha a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços» (LS. 1). Tal «**espiritualidade ecológica**» brota das «convicções de fé» (216). Segundo o Papa, S. Francisco soube testemunhar uma «**ecologia integral, que requer abertura para categorias, que transcendem a linguagem das ciências exatas**» (LS.11). Podemos apresentar como código desta espiritualidade o «Cântico das Criaturas». no qual S. Francisco trata como irmãos e irmãs o sol, a lua, as estrelas, a água, a mãe terra e a própria morte, oferecendo-nos original ecologia de **fraternidade universal**. Gabriel d'Anunzio afirmou que daria, de bom grado, todos os seus poemas pelo «Cântico das Criaturas. E S. Boaventura, ao procurar os fundamentos desta espiritualidade, assinala que S. Francisco, «**ao considerar a origem comum de todas as coisas, a todos tratava com o doce nome de irmãos e irmãs». convidando-as a louvar o Senhor como se foram racionais (11)**. E *acentua que, por sua relação a Cristo, S. Francisco recupera a Fraternidade universal que tinha sido desfeita pelo pecado das origens, reencontrando o sentido luminoso da criação*. (Selecciones. P. 3). Seu biógrafo Tomás de Celano, escreve que S. Francisco fala com os seres, vivos ou não, através duma linguagem rica e expressiva, como se de «**seres dotados de razão**» se tratasse (1 Cel.,81). De facto, para S. Francisco a Natureza é «**um livro esplêndido, donde Deus nos fala e nos transmite algo da sua Beleza e Bondade**» (LS. 12). Segundo Eloi Leclerc, «os seres e as coisas em S. Francisco adquirem valor de sinais, que dizem alguma coisa de essencial, que interessa ao destino do homem. Convertem-se em linguagem que lhes fala do sentido luminoso da Criação». (Selecciones» art. Jesus Montes p. 3). Com o **Cântico das Criaturas S. Francisco recupera a ideia do «paraíso terreal», recuperando a harmonia e a bondade de todos os seres criados**. O paradigma do mundo de técnica e do progresso, manipula a Criação. S. Francisco encara a Terra com o olhar de Deus Criador, que liberta a Criação, oferecendo-nos uma visão sacramental do mundo como mistério de comunhão. A partir daí, a teologia franciscana ensina que toda a Criação se ordena a Cristo cume do processo cósmico, que faz do Universo Sacramento da presença escondida de Deus! O mundo transforma-se para Francisco em catedral e ostensório gigantesco, onde adora o seu Senhor. O homem que amansou o lobo de Gúbio, que conversava com a irmã cotovia e com o irmão falcão, que convidava a irmã lua e o irmão sol, o irmão fogo, a irmã água e a nossa mãe Terra a louvar o Senhor, inaugura uma fraternidade telúrica e cósmica, num universo reconciliado.



* Através de S. Francisco, descobrimos não só a sacralidade do mundo, mas uma visão mística do Universo! O Universo, Sacramento da presença escondida de Deus, constitui o espaço onde todos devemos aprender a viver fraternalmente com toda a Criação. LOUVADO SEJAS, MEU SENHOR!

Conclusão.

**“NÃO PODE SER AUTÊNTICO UM SENTIMENTO DE
UNIÃO ÍNTIMA COM OUTROS SERES DA NATUREZA, SE AO MESMO
TEMPO NÃO HOVER NO CORAÇÃO TERNURA, COMPAIXÃO E
PREOCUPAÇÃO PELOS SERES HUMANOS.”**

Papa Francisco

**CÂNTICO DAS CRIATURAS,
DE SÃO FRANCISCO
DE ASSIS**

Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor
Teus são o Louvor, a Glória,
a Honra e toda a Bênção.

Louvado sejas, meu Senhor,
com todas as Tuas criaturas,
especialmente o senhor irmão Sol,
que clareia o dia e que,
com a sua luz, nos ilumina.
Ele é belo e radiante,
com grande esplendor;
de Ti, Altíssimo, é a imagem.

Louvado sejas, meu Senhor,
pela irmã Lua e pelas estrelas,
que no céu formaste, claras,
preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor,
pelo irmão vento,
pelo ar e pelas nuvens,
pelo sereno
e por todo o tempo
em que dás sustento
às Tuas criaturas.

Louvado sejas, meu Senhor,
pela irmã água, útil e humilde,
preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor,
pelo irmão fogo,
com o qual iluminas a noite.
Ele é belo e alegre,
vigoroso e forte.

Louvado sejas, meu Senhor,
pela nossa irmã, a mãe terra,
que nos sustenta e governa,
produz frutos diversos,
flores e ervas.

Louvado sejas, meu Senhor,
pelos que perdoam pelo Teu amor
e suportam as enfermidades
e tribulações.

Louvado sejas, meu Senhor,
pela nossa irmã, a morte corporal,
da qual homem algum pode escapar.

Louvai todos e bendizei o meu Senhor!
Dai-Lhe graças e servi-O
com grande humildade!